

DF - Brasília

Fotos: Alexandre Magno



O orgulho de pertencer à comunidade do Conic está impregnado na exposição *Movimentos*, de Alexandre Magno. Vindo da publicidade, o fotógrafo puxou para o primeiro plano o modelo em cenário familiar. A idéia foi espontânea e surgiu a partir de convite para integrar o *Foto Arte 2004*. "Usamos o subterrâneo onde ocorrem as festas do Dulcina. A produtora Jenny chamou as pessoas, que foram chamando outras."

A mostra, em cartaz na Galeria do Teatro Dulcina de Moraes até a próxima sexta-feira, dá idéia de como o Conic é território de etnias e de estilos. As fotos captaram o jeito de cada um, não houve maquiagens nem figurinos produzidos. O mais interessante é que, por trás de cada modelo, o ambiente se destaca. "Resolvi pegar as pessoas acompanhando e produzindo o ensaio. Aparece, por exemplo, a Didi, minha assistente, carregando spot de luz."

A relação de Alexandre com o subterrâneo do Dulcina é diária. O estúdio está localizado bem embaixo do palco. Quando os atores interpretam de forma visceral, o teto ressoa. "Esse espaço era um depósito, um velho estúdio de televisão, com ilhas entulhadas. Tive a proposta de ocupá-lo e agora costumo dizer que ganho a vida no Conic", brinca o fotógrafo.

Museu eletrônico

Alexandre Magno se encantou com o sonho de Dulcina de Moraes e com o trabalho da Fundação Brasileira de Teatro (FBT), entidade que administra a faculdade. Descobriu o acervo da dama do teatro brasileiro guardado em quartinho trancado. "São arcaas, 300 vestidos, 200 sapatos, brincos, chapéus, fotografias, escritos." Há pouco, ele começou o trabalho paciente de criar o catálogo eletrônico com todas as peças para lançar na internet. A idéia é montar o museu virtual antes do físico. "Pela rede, o cliente pode montar as peças para exposição itinerante."

Basta entrar no quartinho das peças de Dulcina para entender a urgência de criar espaço adequado para expô-las. "A história do teatro brasileiro nos anos 40, 50 e 60 está aqui. Precisamos de ação governamental", clama a gerente Daniele Gonçalves, que frequentemente leva distritais para visitar a Fundação e mostrar a sua importância para a cultura nacional. Junto com a produtora Neide Nobre, elas dão à Faculdade Dulcina de Moraes perfil de usina de idéias. O desafio é manter as portas abertas.

A Fundação Brasileira de Teatro é orgulho dos coniqueiros. A galera do hip hop admira a administração sem preconceitos da entidade. Trilha sonora do Conic, o rap toca nas lojas de sapatos, roupas, equipamentos fotográficos. A loja CD BOX, do articulador cultural Bira, não cumpre só a função de vender discos. É selo que produz bandas e promove o Abril Pro Rap, festival de projeção nacional, que volta em 2005. (Sérgio Maggio)

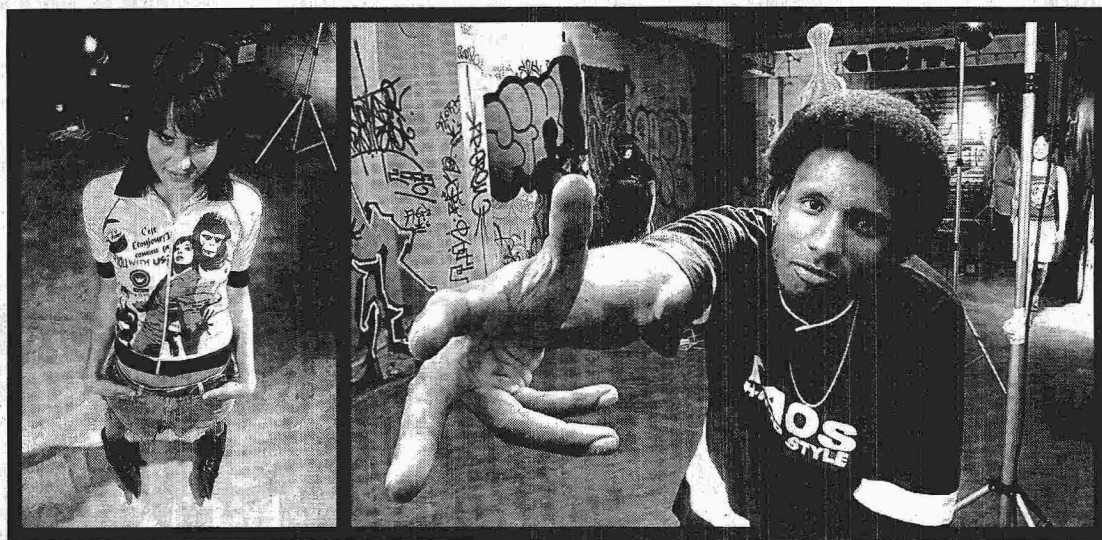
POR QUE CONIC?

Conic era um dos oito prédios do Setor de Diversões Sul. Na fachada, foi afixada placa imensa com o nome e as pessoas passaram a usá-la como referência para indicar o local. Caiu no uso e fixou-se para eternidade.

PODE MISTURAR

CONTINUAÇÃO DA CAPA

MOSTRA EXALTA O TURBILHÃO DE ESTILOS DOS CONIQUEIROS QUE FREQUENTAM AS FESTAS DO DULCINA. PATRIMÔNIO DA DAMA DE TEATRO CLAMA POR MUSEU



FOTOS DA EXPOSIÇÃO MOVIMENTOS, QUE REUNIU A GALERA ESPERTA DO CONIC NO SUBTERRÂNEO DO DULCINA

MEMÓRIA//

Destinação alterada

Para entender o Conic de hoje é preciso ter perspectiva histórica. Quem alerta é Wilson Hargreaves, proprietário da Casa do Livro, livraria-patrimônio de Brasília, que se instalou em 1972 no Setor de Diversões Sul (popularmente conhecido como Conic).

Naquele período, nem todos os oito prédios que cercam o complexo em forma de muralha — Venâncio II, III, IV, V e VI, Baracat, Eldorado e Conic (hoje Boulevard) existiam. A cidade se consolidava como capital federal, com a transferência de vários órgãos públicos sediados no Rio de Janeiro e a instalação das embaixadas. Algumas delas, como Índia, Canadá, Costa do Marfim e Argentina, foram instaladas entre os seis andares do Venâncio VI. A sede da Caixa Econômica também ocupou o complexo, que começou a ser construído em 1969. "Eravam seis cinemas, livrarias, boates que formavam o pólo de entretenimento 24 horas do dia", lembra o livreiro.

Na década de 90, o setor experimentou a decadência e o esvaziamento, por várias razões. Uma delas é relevante e

tem a ver com a discussão acerca do patrimônio histórico. "O poder público permitiu mudanças de destinação. Quando você deixa que o Cine Atlântida se transforme em igreja, altera-se profundamente o sentido do projeto do Setor de Diversões", avalia Hargreaves.

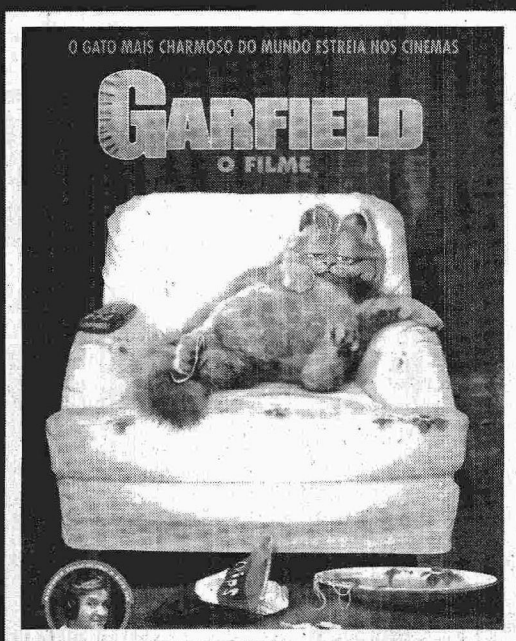
A chegada do comércio alternativo e variado enriqueceu e estimulou a cultura de rua. Houve perdas e ganhos. A Livraria Presença, por exemplo, perdeu sua sede, e hoje reside em sebo montado ao ar livre. "Tenho 24 anos aqui e, apesar de ter saído da loja, sinto que o Conic evoluiu", comemora o livreiro Ivan Presença.

Ao contrário de boa parte do Plano Piloto, no Conic pode-se misturar. Gente das cidades com o povo das Asas; sexo com culto; literatura com evangelho; hip hop com gafeira, skate com sinuca. Esse foi o caminho para a reinvenção. "Aqui tem a mais antiga entidade mística do mundo, Sudha Dharma Mandaland, do Tibete", revela o artista que até se chamava de Paulo Iolovitch. "Agora sou apenas: — (traço azul)", revela. Isso é o Conic.

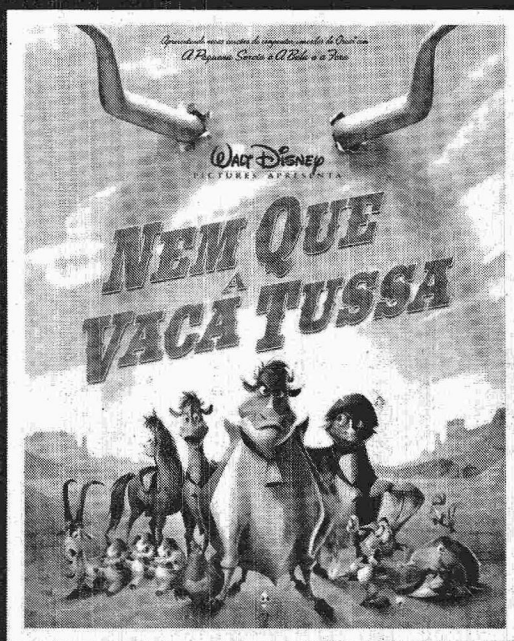


CINEMAS SEVERIANO RIBEIRO

• PARKSHOPPING • PÁTIO BRASIL • TERRAÇO • BRASÍLIA SHOPPING •



CRIANÇAS ATÉ 12 ANOS E ESPECTADORES ACIMA DE 60 ANOS PAGAM MEIA.



Confira os horários no roteiro do jornal, pelo Cinefone ou através do site: www.severianoribeiro.com.br



CINEFONE 223-1617